

Discursos da violência escolar: reflexões a partir de enunciados materializados em documento da CEPAL

Discourses of school violence: reflections based on statements materialized in an ECLAC document

George Francisco Corona
Cleonara Maria Schwartz
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória – Brasil

Resumo

Este artigo objetiva fazer uma análise de um documento da CEPAL sobre como a questão socioeconômica fundamenta o discurso da violência escolar na América Latina e Caribe. Através da abordagem teórico-metodológica bakhtiniana foi possível destacar certas nuances das vozes que dialogam em enunciados textuais carregados de sentidos implícitos sobre o tema da segregação habitacional, que tem reflexos diretos nas segregações escolares, com destaque para a divisão escola-pública/privada e as formas como seus estudantes são selecionados. A técnica analítica bakhtiniana proporcionou a emergência de posições ideológicas latentes dos interlocutores e o fator socioeconômico como embasamento material de um discurso fomentador de violência escolar ligado a estereótipos estigmatizantes indutores de exclusões e discriminações.

Palavras-chave: Violência Escolar; Educação; Segregação socioeconômica.

Abstract

This article aims to analyze an ECLAC document on how the socioeconomic issue underlies the discourse of school violence in Latin America and the Caribbean. Through Bakhtin's theoretical-methodological approach, it was possible to highlight certain nuances of the voices that dialogue in textual statements loaded with implicit meanings on the theme of housing segregation, which has direct consequences on school segregation, with emphasis on the public/private school division and the ways your students are selected. The Bakhtinian analytical technique provided the emergence of latent ideological positions of the interlocutors and the socioeconomic factor as the material basis of a discourse that fosters school violence linked to stigmatizing stereotypes that induce exclusion and discrimination.

Keywords: School Violence; Education; Socioeconomic segregation.

Introdução

O objetivo deste artigo é delinear um processo teórico-metodológico de análise documental qualitativa, aplicando conceitos centrais dos estudiosos do Círculo de Bakhtin na análise de um problema de pesquisa sobre os *discursos que fomentam a Violência Escolar*. Analisamos aqui um documento internacional da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) sobre a violência no espaço escolar: *La segregación escolar como un elemento clave en la reproducción de la desigualdad*, de autoria de Magdalena Rossetti, publicado em 2014. É um documento de organismo internacional que traz dados fundantes de violência escolar que são pouco abordadas nas pesquisas nacionais sobre o tema. A autora do texto traz um panorama comparativo e analítico sobre a situação de segregação social e suas relações causais nos países da América Latina, além de fazer um breve comparativo com países mais desenvolvidos como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Dinamarca. O quadro teórico-metodológico que guia esta análise dos textos é representada pelos filósofos da linguagem do Círculo de Bakhtin.

A autora do documento, Magdalena Rossetti, é formada em Antropologia Social pela *Universidad de Chile* e Mestre em Administração Pública pela *London School of Economics* (LSE). Foi assessora do Ministério da Fazenda do Chile com foco nas desigualdades de gênero no sistema educacional e nos mercados de trabalho, além de trabalhar na reforma do sistema nacional de proteção à criança. Além disso, foi consultora da Comissão Econômica da ONU para a América Latina e o Caribe em projetos centrados na segregação escolar e sustentabilidade fiscal na América Latina. Mais recentemente, coordenou um projeto de cooperação internacional sobre inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho financiado pelo Banco Internacional de Desenvolvimento – BID (LSE, 2022).

Este documento analisado é o de número 199 e faz parte da série chamada *Políticas Sociais* da CEPAL. Neste texto a autora faz uma extensa revisão de literatura e entrevista especialistas de diversos países da América Latina e Caribe (ALeC) com a finalidade de identificar políticas exitosas na diminuição da segregação escolar. Procedemos uma análise do texto com a metodologia bakhtiniana e identificamos relações dialógicas travadas entre a autora e seus interlocutores potenciais (as classes médias e baixas) das quais destacamos dois conceitos implícitos nessas vozes: o *estigma* e a *competição*. Tais palavras emergiram da análise textual na qual percebemos elementos de conflito entre grupos sociais distintos que, para a autora,

revelam mecanismos de resistência ao contato e ao convívio, resultando na problemática base do documento: a segregação escolar. Tal segregação têm por base a segregação habitacional, que é resultado da segregação socioeconômica presente na ALeC. De acordo com a teoria que guia esta presente análise documental, a realidade excludente das escolas da ALeC é reflexo refratado de uma sociedade segregada e de políticas públicas que assim as conservam.

Base teórica e metodológica

A opção teórico-metodológica pelo Círculo de Bakhtin tem como fundamento prático a filiação deste artigo à linha de pesquisa de Educação e Linguagens do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE-UFES). Este artigo é parte de uma tese de doutorado em Educação, que tem como objeto a análise de enunciados documentais sobre violência escolar. Também se justifica pelo fato de percebermos a linguagem em seus múltiplos aspectos simbólicos como fator determinante para a disseminação e manutenção das culturas, neste caso uma cultura de violência em ambiente escolar. Contudo a linguagem em si não é fator único pois tem como fundamento ideológico as condições materiais, econômicas e contextuais da realidade de cada país analisado (VOLÓCHINOV, 2018). A linguagem reflete o social. Neste artigo analisamos o documento-obra de autoria de Magdalena Rossetti que trata das *bases materiais* do problema da violência, ou seja, sua materialidade socioeconômica que resulta em uma realidade cultural palpável. Recorreremos a dois dos integrantes do Círculo: Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, citando separadamente cada autor de acordo com as obras de edições mais recentes, a fim de evitar os equívocos de autoria, como em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Para fins de organização teórica, chamaremos de *bakhtiniano* toda a teoria que se refere aos dois autores supracitados.

Descrição do objeto pesquisado

De acordo com Bakhtin (1997, p.334), “o texto não é um objeto, sendo por esta razão impossível eliminar ou neutralizar nele a segunda consciência, a consciência de quem toma conhecimento dele”. Ao tratar do *objeto* deste artigo temos consciência de uma dupla responsividade: a interlocução da autora acerca da realidade que ela pesquisa e nossa interlocução enquanto pesquisadores com o texto aqui estudado. Cientes disso podemos então tratar bakhtinianamente este documento da CEPAL de autoria de Rossetti como *objeto*

*Violência escolar e seus enunciados materializados em pesquisas Nacionais:
uma Revisão de literatura*

de pesquisa de ciências humanas, como texto, mas jamais como coisa, nunca como objeto das ciências da natureza.

O presente documento da CEPAL, representado aqui pelo texto de Rossetti, aborda a realidade cultural de vários países da ALLeC, e percebe semelhanças em todos eles ao identificar na segregação socioeconômica um problema de base. Ela aponta como uma das principais causas da violência escolar a segregação dos grupos sociais, que retroalimenta a segregação habitacional e a segregação escolar. Em outras palavras, a população de um país não convive mutuamente, mas se encontra segmentada em grupos econômicos e étnicos, o que leva à formação de bairros de alto nível e de baixo nível e, como consequência, escolas segmentadas pelos mesmos critérios. Cidadãos de bairros de condição socioeconômica distinta pouco se misturam, assim como alunos de escolas de níveis distintos. Isso gera escolas com concentrações desproporcionais e segmentadas de renda e nível cultural.

O documento também aponta que o fato de existirem escolas particulares paralelamente às escolas públicas aprofunda ainda mais a separação entre ricos e pobres, e mesmo tentativas de políticas públicas de se forçar a inclusão de alunos mais pobres em escolas particulares de maior nível através de subsídios (os *vouchers*) causa outro efeito negativo: os poucos alunos de nível econômico médio das escolas públicas que se mesclavam com os de condição financeira inferior, ao migrarem para escolas particulares, deixam as públicas mais homogêneas, aumentando o percentual de alunos de baixa renda, concentrando ainda mais a pobreza. Isso porque as famílias mais pobres não têm condições monetárias de manter seus filhos em escolas particulares, mesmo com o *voucher*, visto que este subsídio é parcial, e todas as despesas excedentes têm de ser custeadas pela família (ROSSETTI, 2014). Dentro destes grupos escolares, tão segmentados, as realidades sociais do entorno se refletem, e os mais variados preconceitos, discriminações, estereótipos e comportamentos se reproduzem.

A definição de estereótipo de Oliveira (2017) guia nosso entendimento sobre os preconceitos que induzem aos comportamentos discriminatórios na escola. Em primeiro lugar Oliveira registra que a escola é parte da sociedade na qual está imersa, e reproduz seus valores, crenças e visões de mundo. Estas, por sua vez, são localizadas histórica e culturalmente, dentro da concepção bakhtiniana. Para Oliveira os estereótipos são modelos valorativos de costumes, tidos como certos ou errados, bons ou ruins, permitidos ou

proibidos, agradáveis ou desagradáveis, apreciados e desejados ou abomináveis e abjetos. Estereótipos de homem e mulher, ou de identidades étnicas são muito comuns em agrupamentos humanos e servem tanto para agregar membros ou segregar, excluindo-os por meios violentos, sejam violências simbólicas (como a ridicularização) como violências físicas (a agressão corporal). Portanto, o estereótipo socioeconômico (aquele caracterizado por modelos de posição econômica que marcam as pessoas através da casa e bairro que moram, roupas e objetos que usa e serviços a que tem acesso) influencia muito no comportamento que trata com discriminação ricos e pobres, dispensando a estes desprezo e violência, e àqueles admiração e respeito. Desta forma os estereótipos cristalizados em cada sociedade são repetidos dentro das escolas, perpetuando situações de discriminação e violência contra certos indivíduos. Por isso a CEPAL afirma que a condição material da sociedade – a fragmentação social – reflete e refrata as condições dentro das escolas, moldando o comportamento, o pensamento e a linguagem, replicando padrões sociais de acordo com a localização, seja urbana ou rural, periferias ou regiões centrais (TRUCCO; INOSTROZA, 2017).

Podemos entender, em uma primeira análise do texto deste documento, que há uma ligação íntima entre realidade social e realidade escolar, entre a mentalidade e comportamento médio da sociedade e do indivíduo dentro da escola, no interior desta mesma sociedade. É exatamente esta a tese dos filósofos da linguagem do Círculo de Bakhtin. Estes teóricos afirmam que a enunciação humana mais primitiva – enunciação enquanto exteriorização de seu pensamento em símbolos, falas ou comportamentos – ainda que realizada por um organismo individual é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra orgânicas do meio social. De acordo com Volóchinov (2018), Bakhtin (2019) a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade.

Podemos assim notar que, se o indivíduo reproduz em suas falas e atos situações resultantes de sua interação com o grupo social do qual faz parte, então a compreensão da violência entre membros escolares têm sua explicação dentro da realidade social vivenciada. Logo, toda forma de entendimento e de intervenção nesta questão deve levar em conta o estado geral do grupo social presente, e não apenas os indivíduos isolados envolvidos na

*Violência escolar e seus enunciados materializados em pesquisas Nacionais:
uma Revisão de literatura*

situação de violência. Deste ponto específico do problema os autores dos documentos da CEPAL analisados estão cientes, pois afirmam, como citado acima, que os estudantes “imitam comportamentos discriminatórios e violentos que observam em seu entorno familiar e social, e reproduzem como violência direta ou simbólica a nível interpessoal no espaço escolar” (TRUCCO; INOSTROZA, 2017, p.59).

Portanto, para a CEPAL, está posto que a realidade material da sociedade influencia sua realidade simbólica, sua organização, sua cultura, ideias e comportamentos. O documento relaciona diretamente a segregação das residências com a segregação social e escolar. Mas como entender este conceito de segregação? A segregação residencial pode ser entendida como a aglomeração geográfica de famílias de uma mesma condição ou categoria social, com uma tendência de um tipo de grupo concentrar-se em algumas áreas de conformação socialmente homogêneas – ou seja, bairro de baixa renda, bairros de classe média ou bairro de alto padrão. As pessoas, além de se agruparem deste modo devido à vários fatores, ainda possuem uma percepção subjetiva de que estas divisões são objetivamente reais, ou seja, famílias de baixa renda não se misturam com famílias de outras condições (ROSSETTI, 2014).

O conceito de segregação, para a CEPAL, sugere as distâncias que previnem as interações entre grupos distintos. Tais distâncias seriam barreiras sociais, tais como diferenças culturais, religiosas, tradições étnicas, e disputas históricas entre comunidades (ROSSETTI, 2014).

Volóchinov (2018) faz a mesma afirmação ao tratar da importância das bases materiais, econômicas e históricas do contexto social imediato, referindo que tais características de base material determinam as interações sociais, e estas determinam todo o aparato ideológico que molda a personalidade média dos grupos, cada qual criando mecanismos de identificação e de resistência a grupos externos.

Este autor chama de *ideologia do cotidiano* toda atividade mental dos indivíduos que são reflexo de seu meio social médio, ou seja, o indivíduo tende a reproduzir os limites da linguagem, da gramática, dos signos e das ideias mais comuns dentro do grupo social de maior convivência, desenvolvendo uma certa identidade que o marca. Tal identidade está diretamente relacionada com o ambiente social (VOLÓCHINOV, 2018). Para o filósofo, as condições materiais de socialização determinam a orientação temática e constitutiva da

personalidade interior em uma época e em um meio determinados. O indivíduo é produto das suas condições de socialização (VOLÓCHINOV, 2018). Por isso, em uma interpretação bakhtiniana, podemos afirmar ser grave o problema da segregação socioeconômica. Isto gera identidade aos grupos, os separam, os fecham em si através de barreiras culturais e econômicas, e os homogeneízam. Grupos socialmente estigmatizados e grupos privilegiadosⁱ são constantemente reforçados e demarcados e a falta de interação com os grupos mais desenvolvidos social, cultural e economicamente superiores impede aos grupos inferiores se desenvolverem. Como as condições de socialização tendem a se reproduzir internamente, os grupos mais violentos tendem à manutenção e ampliação destas características. Para a CEPAL, falta maior integração social, e esta desintegração causa prejuízos.

De acordo ainda com o documento analisado, os pais de famílias de classes média e alta são mais exigentes, e tendem a buscar melhores escolas para seus filhos, quase sempre instituições privadas. Isto tende a aprofundar a segregação, pois deixa as escolas públicas sem indivíduos ou famílias que poderiam exigir uma melhor educação. Além disso,

Estudos mostram que, em bairros de alta renda, a imitação de modelos com alto nível educacional produz aumento no QI das crianças, bem como reduz o número de gestações na adolescência, evasão escolar, entre outros. Por outro lado, em bairros com alta concentração de pobreza, há redução nas habilidades linguísticas das crianças (ROSSETI, 2014, p.10. Traduzido do espanhol).

A autora do documento relata que é justamente uma maior integração entre alunos de nível cultural maior e menor que contribui para a melhora do nível cultural geral, posto que o contrário agrava ainda mais a concentração de alunos de baixo nível. O documento também afirma que a segregação escolar é ainda pior que a residencial, pois sua escala de efeitos é fixa. Na maior parte das sociedades as famílias buscam influenciar o ambiente escolar de maneira direta ou indireta. Os pais de famílias com alto status podem de maneira ativa influir no ambiente escolar por meio do uso de seu capital econômico e socialⁱⁱ. Assim mesmo influem de maneira indireta por meio da seleção de um estabelecimento educativo, deixando outros de fora. Por outro lado, a influência das famílias de baixa renda é passiva e indireta. Elas escolhem a escola que está mais próxima, já que têm severas limitações financeiras, e nem sempre possuem a formação e informação necessária acerca das distintas opções escolares, nem tampouco o capital social para fazer as seleções apropriadas (ROSSETTI, 2014).

O documento reconhece ainda que a segregação escolar é fruto de uma concepção que entende a educação como instrumento capaz de fornecer ferramentas para competir no mundo do trabalho. Por isso, a escola também é vista como consolidação de identidade e *status* de classe, e de criação e ampliação de laços estratégicos de capital social. Quando uma família escolhe uma escola, o que ela está escolhendo é na verdade a pertença a um estrato social. Esta identificação com uma classe social em particular é fruto de uma necessidade de diferenciação com outros estratos inferiores, e isso agrava a segregação dentro do sistema educacional (ROSSETTI, 2014).

Posto isto, parece que tocamos num ponto interessante na análise do documento, e que nos parece ser um ponto de partida para entender a violência como um *modus operandi* dentro das escolas: a *necessidade de diferenciação, de identidade*. Neste momento, procederemos à análise bakhtiniana de alguns enunciados significativos dos documentos acerca desta questão.

Análise bakhtiniana dos enunciados: as múltiplas vozes e as ideologias

Neste documentoⁱⁱⁱ sobre a segregação escolar é salientado que uma das causas desta diferenciação é a deserção de parte da classe média dos serviços públicos. Ao melhorar sua condição financeira, estes setores começam a migrar para escolas privadas, situação comum em países com marcada desigualdade de renda. Esta migração, então, está relacionada com a mudança de recursos, oportunidades e motivações. O documento aqui pontua como relevante entender quais seriam as motivações dos setores médios de não compartilhar espaços com as classes mais baixas, e são elencados quatro fatores pertinentes: 1) a ampliação da liberdade de decisão das classes médias; 2) a intensidade de sua inclinação a diferenciar-se entre sua posição presente e passada; 3) a intensidade de sua motivação por participar de redes que constituem fontes valiosas de capital social; 4) o desejo de evitar o contato com grupos estigmatizados (ROSSETTI, 2014).

Em relação ao primeiro ponto: 1) *a ampliação da liberdade de decisão das classes médias* - o documento afirma que cidades pequenas favorecem a formação de redes de sociabilidade em que participam a maioria de seus habitantes. “Através de mecanismos informais essas redes normalmente são eficientes para desencorajar desvios com respeito aos hábitos e estilos de vida das maiorias, o que tende a pôr freio aos impulsos das classes médias e altas a distanciar-se dos principais espaços de sociabilidade e convivência” (ROSSETTI, 2014, p.14).

No entanto, o crescimento dos centros urbanos leva à perda desta pressão comunitária e os setores médios e altos têm maior poder de decisão sobre os serviços a utilizar.

Em relação ao segundo ponto: 2) *a intensidade de sua inclinação a diferenciar-se entre sua posição presente e passada* - a passagem do público ao privado é motivada por uma busca de *status* e distinção social. Portanto, o uso de serviços privados se constitui, dentro do contexto social da América Latina atual, símbolo de ascensão social, uma subida de *status*.

Em relação ao terceiro ponto: 3) *a intensidade de sua motivação por participar de redes que constituem fontes valiosas de capital social* - além da qualidade buscada nos serviços privados, estes espaços permitem a construção de capital social, pois a interação com os indivíduos deste nível proporciona informações e contatos sociais valiosos, úteis para o desempenho de atividades e geração de oportunidades vantajosas que vão além das fronteiras escolares.

Em relação ao quarto ponto: 4) *o desejo de evitar o contato com grupos estigmatizados* - uma das motivações que levam setores médios a abandonar os serviços públicos é a rejeição ao contato com grupos sociais que começam a beneficiar-se com a expansão da cobertura destes serviços. Esta rejeição surge do desejo de diferenciar-se e de fazer uma distinção entre o passado e o presente (de ascensão do *status*), o qual leva a formação de imaginários baseados em estigmas sociais dos novos setores populares. Esta situação é um reflexo das desigualdades regionais dentro de cada país, já que quanto maiores forem estas diversidades e desigualdades mais diferente é o comportamento dos nativos da cidade em relação ao comportamento dos imigrantes. Neste sentido, à medida que aparecem estranhos, os setores médios buscam afastar-se dos serviços públicos e pagar pelos privados.

Procederemos agora a análise bakhtiniana destes enunciados. Para Bakhtin, todo texto é um diálogo, é constituído por várias vozes que interagem entre si dentro de uma determinada situação. Todo texto é uma manifestação enunciativa humana, que usa de um repertório ideológico anterior, é acrescido com as nuances do seu autor, e é sempre dirigido a um destinatário. Bakhtin chama essa característica de dialogismo (BAKHTIN, 2019).

Ao relatar o comportamento das classes médias em relação aos extratos mais baixos da população a autora do documento da CEPAL usa o termo *rechazo* – que traduzimos como *rejeição*: “una motivación que puede llevar a los sectores medios a abandonar los servicios públicos es el **rechazo** al contacto con grupos sociales que comienzan a beneficiarse con la

*Violência escolar e seus enunciados materializados em pesquisas Nacionais:
uma Revisão de literatura*

expansión de la cobertura de esos servicios” (ROSSETTI, 2014, p.14, grifo nosso). O uso deste termo transmite a sensação de certa repugnância, ojeriza, repulsa, abominação, antipatia, asco, desprezo ou intolerância à população pobre. Contudo, esta seria a constatação de um fato objetivo ou uma interpretação que reflete a posição ideológica da própria autora do documento da CEPAL? Podemos observar no próprio texto do documento que a autora adota uma concepção de humano como um ser diverso, aberto ao outro; é adepta ao combate da pobreza e das mazelas sociais, e crítica da privatização da educação, como se pode notar no seguinte trecho:

(...) a lógica do mercado na educação deve ser erradicada e, para isso, o Estado deve garantir uma educação de qualidade. (...) o financiamento compartilhado deve acabar, pois, por meio desse mecanismo, é criada uma barreira de exclusão, onde apenas alguns têm acesso às escolas. (...) a seleção deve ser encerrada em todos os níveis de ensino, pois esses resultados [acadêmicos] estão contaminados pelo nível socioeconômico dos alunos (ROSSETTI, 2014, p.54. Traduzido do espanhol).

A autora também afirma que os ambientes de origem dos estudantes e suas condições socioeconômicas, seus recursos sociais e culturais que têm acesso, influenciam na atmosfera da escola. Ele relata que, por isso, os colegas que convivem entre si são de suma importância, pois a composição do corpo estudantil no interior da escola é significativo e põe em desvantagem aqueles que estão em colégios com altas concentrações de pobreza. Para ela o corpo discente parece tão importante quanto o corpo docente (ROSSETTI, 2014). Logo, de acordo com Bakhtin, esta posição ideológica da autora representa o pensamento médio do grupo do qual faz parte como pesquisadora, e é uma réplica ao discurso que ela identifica ser de outro grupo social, *o da classe média que rejeita o setor mais baixo* – e que por isso aprofunda a segregação escolar e piora as condições educacionais dos mais pobres.

Em relação à palavra utilizada pela autora – *rechazo* – se trata de um *signo ideológico* e está, por isso, carregada de um significado dentro de um sentido específico no seu ato enunciativo. Para Bakhtin, o signo é um produto ideológico que reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior, pois tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo (ELICHIRIGOITY, 2008). A palavra é portadora de signos, e estes signos são produto das estruturas sociais. É justamente no embate ideológico entre os falantes que o signo surge e se dá a conhecer. E é justamente um confronto de valores sociais contraditórios que percebemos no contexto do uso da palavra *rechazo*. A autora do enunciado entra em conflito e faz réplica com o discurso das classes médias. Isso ocorre

porque de acordo com Bakhtin (2020) todo enunciado é sempre bilateral, só se realiza na interação de duas consciências, no tempo e lugar onde ocorre uma zona de contato e uma manutenção da distância. A enunciativa faz uma avaliação dos valores da classe média a partir de sua posição axiológica própria, posicionando-se criticamente e marcando a distância entre ambas (FARACO, 2017). Outro aspecto importante para a interpretação deste trecho é a noção bakhtiniana de *valor apreciativo*. A escolha de certas palavras para se referir a si próprio ou ao discurso de outrem acaba por revelar certas nuances que são julgadoras de valor: podem ser palavras elogiosas que enaltecem algo, ou palavras de cunho pejorativo. Para Bakhtin “não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma *orientação apreciativa*. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (VOLÓCHINOV, 2018, p.236). Portanto, a escolha da palavra *rechazo* por parte da autora carrega em si uma apreciação do comportamento da classe média, que leva o leitor a julgar como inapropriada e causadora de injustiças sociais. A *rejeição* do contato com classes estigmatizadas socialmente seria a *motivação implícita* da classe média se afastar das mais baixas.

Mas será mesmo fato objetivo que a classe média teria essa tendência unicamente excludente e autopreservativa, não se importando com a condição de desvantagem escolar dos grupos de baixa renda? Seguindo essa *intencionalidade* embutida no texto do documento, pode-se, portanto, prosseguir com a interpretação de variados casos na sociedade latino-americana. Exemplos não faltam, como os seguintes enunciados de manchetes jornalísticas brasileiras: *Nova classe média rejeita carro de pobre e vendas de 1.0 caem 18,82%* (LADEIA, 2014); *Dados apontam que ascensão da classe C incomoda consumidores da classe AB* (CARVALHO, 2012); *Marcas de grifes têm vergonha de seus clientes mais pobres, diz Data Popular* (NEUMAM, 2014). Nesta linha interpretativa corroborar-se-ia a tese da autora de que as classes socioeconômicas mais altas desejam diferenciar-se das mais baixas. Mas, longe de afirmar isto como realidade objetiva e incontestável dos fatos, podemos afirmar que este acento valorativo pertence à autora do documento e é uma réplica dentro de um diálogo entre seu grupo de pertencimento e outro. Portanto, essa interpretação sobre a classe média é refletida e refratada pelo signo *rechazo*, quando a autora escolhe intencionalmente esta palavra. Essa escolha de palavras é fruto de uma compreensão responsiva – ou seja, responde a alguém –

*Violência escolar e seus enunciados materializados em pesquisas Nacionais:
uma Revisão de literatura*

e revela o papel ativo do outro no processo de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016). É ao integrante dessa classe média virtual que a autora responde.

Evidentemente podemos levantar a questão ética da simples generalização de todo indivíduo da classe média. Bakhtin (2018) estava consciente de que nem a linguagem pode generalizar seus enunciados, pois são únicos e irrepetíveis (o equívoco de Saussure) nem se pode negar o uso padrão e regular dessa mesma linguagem em dado contexto e grupo (a contribuição saussuriana). Assim, de acordo com Sobral (2009), “toda generalização a partir de atos singulares traz um duplo problema: como não apagar a especificidade de cada ato específico e como não se perder nessa especificidade e, assim, deixar de apreender o que há de comum entre os vários atos”. Embora não haja no texto uma preocupação da autora sobre a generalização de seus enunciados valorativos da classe média, entendemos aqui que nem por isso deixa de existir um certo padrão axiológico no discurso da classe média sobre o que pensam e fazem acerca das classes mais baixas.

Depreende-se então que a autora é ideologicamente crítica da desigualdade social, e então podemos localizar sua posição voltada para o campo progressista dentro do espectro político, assim como uma tendência anticonservadora, pois sustenta a ideia de integração entre grupos socioeconômicos distintos. A autora do enunciado fala a partir de sua posição, mas quem publica a obra é a CEPAL. Esta entidade reconhece a importância da posição de quem emite o enunciado, pois explicita em suas páginas iniciais o seguinte aviso: “*Las opiniones expresadas en este documento, que no ha sido sometido a revisión editorial, son de exclusiva responsabilidad de la autora y pueden no coincidir con las de la organización*” (ROSSETTI, 2014, p.02). Não obstante é claro para nós que a CEPAL jamais publicaria um texto o qual fosse expressamente contrário à sua visão de mundo. Então sim, Rossetti representa a posição da CEPAL sobre o presente tema.

Contudo o posicionamento implícito da autora do texto em relação à classe média, posicionamento este que revela uma reação que corresponde, ao nosso ver, é uma réplica à posição dos grupos que se afastam alegando motivos diferentes. Do ponto de vista das classes médias, de acordo com o texto, há a motivação de busca de vantagens e de melhor posição social para seus filhos, ou seja, a busca de capital social - “*la intensidad de su motivación por participar en redes que constituyen fuentes valiosas de capital social*” (ROSSETTI, 2014, p.14). Podemos entender aqui que *ter Capital Social* corresponde a possuir

laços sociais influentes, com mais pessoas que possuem outros laços sociais também influentes, o que gera maiores oportunidades de trabalho, estudo, experiências, negócios, etc., ou seja, maiores chances de ascensão socioeconômica. Para a autora, este desejo de maior capital social é característica das classes mais bem informadas, característica esta que não está nas classes mais baixas, justamente por seu baixo capital social. Depreende-se daí que o pouco capital social das famílias gera pouco capital social para seus filhos, e as possibilidades e liberdades de opções futuras para as classes mais baixas permanecem sempre menores. Logo, podemos interpretar que as classes médias se afastam das mais baixas não unicamente por rejeição ao contato, ou devido à estigmas, mas porque tais classes baixas não se constituem boa fonte de investimento em capitais sociais, não seriam relações vantajosas para um mundo *competitivo*. Este seria o *motivo explícito* da classe média para se afastar da classe baixa.

Dentro deste contexto podemos levantar ainda outras interpretações acerca do desejo das classes médias pelo descolamento das classes baixas. A manutenção de seu atual *status* e de sua identidade social faz com que se oponham às formas de ascensão das classes baixas através de políticas de inclusão de governos ou outros tipos de auxílio. Esse entendimento perpassa pelo mesmo desejo de evitar o contato com esses grupos marginalizados, tanto pelo motivo de diferenciação quanto pela não contaminação de seu capital social elevado. Podemos depreender disto uma possível tendência da classe média a não estar apta a aceitar ações públicas ou privadas que forcem a integração de estudantes socioeconomicamente heterogêneos nos mesmos espaços escolares, preferindo, então, uma maior segregação. Como afirmou Volóchinov (2018), os grupos sociais tendem a criar mecanismos de resistência à influência de grupos externos, neste caso, à má influência do baixo capital social e do estigma que marca a identidade dos grupos de nível mais baixo.

Ainda de acordo com o autor russo, a *ideologia do cotidiano* marca os indivíduos e são reflexo de seu meio social médio. Ao reproduzir os limites da linguagem, da gramática, dos signos e das ideias mais comuns dentro do seu grupo de maior convivência, sua identidade socioeconômica fica marcada (VOLÓCHINOV, 2018). Portanto, o convívio e contato na escola entre pessoas com diferentes identidades socioeconômicas acaba gerando a ativação deste mecanismo de resistência e, ao reproduzir em sua linguagem a ideologia de seu grupo social (onde está sua família) ocorre os episódios de estereótipos, preconceitos, discriminações,

seja por meio de apelidos, xingamentos, isolamentos ou agressão física. Logo, a violência que existe nas escolas (ao menos a violência interpessoal) têm real influência de mecanismos de resistência identitários baseados nos níveis socioeconômicos aos quais os estudantes em conflito pertencem, causa e consequência de características dialéticas da segregação escolar-social, de acordo com os enunciados analisados no presente documento da CEPAL.

Considerações finais

Não ignoramos de forma alguma nossa posição de interlocutores com o texto de Rossetti: dialogamos com ele e criamos sentidos a partir de nossas posições como pesquisadores não-neutros. Conscientes dessa questão de método bakhtiniano podemos tecer nossas conclusões sobre o documento analisado. Em resumo, como atendimento ao objetivo proposto por este artigo, apontamos um dos fundamentos do discurso que fomenta a violência escolar: o discurso segregador, que estimula a exclusão e a divisão social. Podemos elencar como pontos centrais do texto do documento de autoria de Rossetti: a) a segregação escolar é um problema e está relacionado à segregação habitacional e às condições socioeconômicas; b) as classes médias e altas desejam diferenciar-se e afastar-se das classes mais baixas por motivos de identidade de status e de vantagens de capital social, e isso impacta as escolas; c) escolas segregadas concentram corpos discentes de alto rendimento e de baixo rendimento, separadamente; d) o corpo discente é muito influente no clima escolar e no aprendizado global do estudante, tanto quanto o corpo docente; e) as condições socioeconômicas da média dos alunos é fator relevante para o nível educacional da escola e do aprendizado; f) o Estado deve regulamentar os processos de seleção de alunos.

De acordo com o documento, duas das principais consequências desta segregação educativa é que: a) o sistema educativo na região está sendo um mero reproduzidor de desigualdades sociais de origem e, b) estão sendo formadas gerações de pessoas com pouca capacidade de relacionarem-se com outras pessoas diferentes, afetando em definitivo a coesão social (ROSSETTI, 2014). Temos aqui um ambiente fértil e reproduzidor da violência escolar. Para atacar a fonte da segregação escolar, em primeiro lugar, para a autora, deve-se incrementar a qualidade dos serviços oferecidos nas escolas localizadas nos bairros mais desfavorecidos. Assim haveria uma redistribuição dos recursos e se minimizaria o efeito segregador da base territorial, visto que ao oferecer boas alternativas em educação pública, a preferência pelo setor privado tenderia a diminuir (ROSSETTI, 2014).

Em uma análise bakhtiniana deste texto da CEPAL percebemos algumas vozes que permeiam o texto, travando um diálogo com réplicas que nos conduzem à descoberta de que dentro do contexto material da desigualdade socioeconômica presente na ALeC há uma tensão entre os diferentes grupos sociais que envolve a *competição* por ascensão social ao mesmo tempo em que se busca afastar e marginalizar grupos socialmente *estigmatizados*. Na competição pelos melhores postos dentro da sociedade a escola é vista como importante ferramenta desta ascensão. Às escolas privadas cabem a alta seletividade de seu corpo discente, enquanto que à escola pública fica reservado o ônus de compor corpos discentes que refletem a grande diversidade socioeconômica das regiões. O problema que se desenha é que o contato entre estes membros tão diversos ocasiona eventos de violência, visto que a escola pública tem de lidar muito mais com a questão da diversidade socioeconômica do que as escolas privadas, com seu público mais selecionado e homogeneizado. Desta forma percebemos na ALeC duas qualificações para o sistema de ensino: um público estigmatizado como inferior, e um privado formador de indivíduos competitivos. Logo, o discurso da segregação, em todos os níveis descritos neste artigo, é um discurso que fomenta práticas de violência escolar ligadas aos estereótipos estigmatizantes que induzem a estereótipos, preconceitos e discriminações. Neste discurso de violência que apontamos, a escola pública é levada a aceitar seu estigma, seu público diverso, ser segregada e silenciada; e a escola privada, com seu público purificado por medidas de seleção, deveria ser promovida e visibilizada como modelo de formação de sujeitos competitivos para um mercado altamente competitivo e demandante de alto capital social.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Prefácio a edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

BAKHTIN, M. **Freudismo: um esboço crítico**. 2. ed. Tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

*Violência escolar e seus enunciados materializados em pesquisas Nacionais:
uma Revisão de literatura*

CARVALHO, Pedro. Dados apontam que ascensão da classe C incomoda consumidores da classe AB. **Brasil Econômico**. 2012. Disponível em <https://economia.ig.com.br/2012-09-12/dados-apontam-que-ascensao-da-classe-c- incomoda- consumidores-da-classe-ab.html>. Acesso em 10 de junho, 2019.

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py (UCPel-UFF). A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana. Rio de Janeiro: **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: literatura, língua e identidade, n.34, p.181-206, 2008. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/09/maria-py-elichirigoity-a-formac3a7c3a30-do-sentido-e-da-identidade-na-visc3a30-bakhtiniana.pdf>. Acesso em 20 de agosto, 2019.

FARACO, C.A. (UFPR). Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana*. **Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 12 (2), p. 45-56, Maio/Ago. 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/bak/a/yXpYvSc4HnLMd7bR696sWyD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 de junho, 2019.

LADEIA, Barbara. Nova classe média rejeita carro “de pobre” e vendas de 1.0 caem 18,82% em março. **Brasil Econômico**. 2014. Disponível em <https://economia.ig.com.br/empresas/industria/2014-04-14/novos-ricos-rejeitam-carro-de-pobre-e-vendas-de-10-caem-mais-que-media.html>. Acesso em 10 de junho, 2019.

LSE, **London School of Economics**. Magdalena Rossetti-Youlton. Disponível em: <<<https://www.lse.ac.uk/social-policy/people/research-students/magdalena-rossetti-youlton>>>. Acessado em 23 maio 2022.

MAGALHÃES, L. O. (UFJF). Introdução ao Pensamento de Bakhtin. Juiz de Fora, **Locus - Revista de História**. v.13, n.1, p.210-215, 2007. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/185156598/introducao-ao-pensamento-de-bakhtin>. Acesso em 18 de julho, 2019.

NEUMAM, C. Marcas de grife têm vergonha de seus clientes mais pobres, diz **Data Popular**. **UOL Economia**. 2014. Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/03/marcas-de-grife-tem-vergonha-de-clientes-mais-pobres-diz-data-popular.htm>. Acesso em 10 de junho, 2019.

ROSSETTI, Magdalena. La segregación escolar como um elemento clave en la reproducción de la desigualdad. **CEPAL Série Políticas Sociales** 199. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2014.

SOBRAL, A. (PUCSP). O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Bioetikos**, São Paulo, v. 3, n.1, p. 121-126, jan/jun. 2009. Disponível em <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/68/121a126.pdf>. Acesso em 20 de agosto, 2019.

TRUCCO, Daniela; INOSTROZA, Pamela. **Las Violencias en el espacio escolar**. CEPAL, UNICEF. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2017.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Notas

ⁱ Conforme anotamos acima sobre a pesquisa de Oliveira (2017), os grupos estigmatizados são aqueles não aceitos, não agregados no interior de um agrupamento social. Os privilegiados, por contrário, são os que possuem as marcas da aceitação e da identidade do grupo a que pertencem. A pobreza econômica, a língua ou sotaque, posições ideológicas, religiosas e políticas, a condição de gênero e até a etnia são marcadores sociais (estereótipos) que estigmatizam (causam *feridas sociais*) que fornecem indicadores de aceitação ou não por parte dos privilegiados de certo grupo.

ⁱⁱ Entendemos por capital econômico a quantidade de bens materiais entre o rico (muitos bens) e o pobre (escassez de bens). E por capital social entendemos a quantidade e qualidade de relações sociais (de contato, acesso, amizade, influência) com outras pessoas que possuem muitas outras relações sociais vantajosas (seja com indivíduos ou grupos de grande capital econômico, seja de indivíduos com relações nas camadas políticas, empresariais, culturais, etc). A pobreza de capital social compreende o indivíduo com escassez de contatos sociais privilegiados.

ⁱⁱⁱ Documento disponível em: <<<https://www.cepal.org/es/publicaciones/36837-la-segregacion-escolar-como-un-elemento-clave-la-reproduccion-la-desigualdad>>>.

Sobre os autores:

George Francisco Corona

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Professor do departamento de Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES campus Itapina.

E-mail: george.corona@ifes.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3506-4680>

Cleonara Maria Schwartz

Pós-doutora e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo – NEPALES.

E-mail: cleonara.schwartz@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4411-2234>

Recebido em: 21/09/2021

Aceito para publicação em: 28/10/2021